

Título: Mulheres e o trabalho na indústria marítima – conquista ou desafio?

Universidade de Aveiro

Telma Brito | Investigadora e membro do Grupo de Estudos Género e Performance (GECE) do Centro de Línguas Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro, Portugal
BIO: Doutoranda do Programa Doutoral em Turismo, na Universidade de Aveiro. Mestre em Educação Física na área de Sociedade e Lazer pela UNICAMP e Mestre em Turismo pela Unibero. Investigadora e membro do Grupo de Estudos Género e Performance (GECE) do Centro de Línguas Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro. [linkedin.com/in/telma-brito-78685893](https://www.linkedin.com/in/telma-brito-78685893)

O Turismo enquanto fenómeno social, cultural e económico é composto por várias atividades, tais como alojamento, transportes, restauração, recreação e lazer, serviços culturais, serviços de agenciamento e operação de viagens.

O Turismo de Cruzeiros, considerado um produto turístico completo por combinar as principais atividades do Turismo faz parte da indústria marítima e como tal, necessita de mão de obra qualificada para atuar nos navios, incluindo os cargos de comando da engenharia, segurança, ponte de comando e os diretamente relacionados à hotelaria, departamento este responsável por 80% dos cargos a bordo.

A indústria marítima é ainda um setor extremamente masculino. Ao atuar neste ambiente as mulheres enfrentam vários desafios, que passam por preconceitos, discriminação, assédio sexual e tensões sexuais (Theotokas & Tsalichi, 2021). Os navios possuem um ambiente confinado, complexo, com uma rígida estrutura social. Embora a representação feminina esteja crescendo a cada ano, a percentagem de mulheres que atuam em navios, principalmente como oficiais nos cargos de comando, é ainda muito pequena, como demonstram os estudos em diversos países.

Esta indústria emprega aproximadamente 1.2 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo que somente 2% destes postos de trabalho são ocupados por mulheres (Maritime SheEO, 2019; Guerise, 2021, Theotokas & Tsalichi, 2021). Mulheres marítimas são encontradas a bordo de navios dos mais diversos tipos. Em navios cargueiros elas representam somente 6% do total de empregos enquanto na indústria de cruzeiros são quase 20%, sendo que a maioria está alocada nos departamentos de hotelaria ou de restauração. De maneira geral, a proporção de homens marítimos em navios de cruzeiros é de 4 ou 5 homens para 1 mulher empregada (Chin, 2008).

O problema que as mulheres enfrentam na profissão marítima é mundial e recorrente, assim como ainda é incipiente a produção académica sobre o tema. Alguns países como Grécia, Índia, Brasil, Canadá e Estados Unidos da América já tem demonstrado preocupação, conforme identificado.

Maré baixa

Para melhor entender a produção científica sobre género e cruzeiros, realizou-se uma pesquisa, em 2019, na base de dados da plataforma SCOPUS (Elsevier, 2019), tendo como protocolo de pesquisa as palavras “*gender*” & “*cruise*”, com intervalo temporal entre 2001 e 2019. Foram identificados somente 19 documentos, sendo que 22,9% estavam nas Ciências Sociais e 11,4%

nas Artes e Humanidades. Os restantes 65,7% estavam distribuídos em outras áreas do conhecimento.

Em 2021 repetiu-se a pesquisa com o mesmo protocolo e intervalo temporal e o resultado mostrou 25 documentos (18,2% nas Ciências Sociais, 9,1% nas Artes e Humanidades e 72,7% em outras áreas, com destaque para a medicina, com 22,7%, num provável reflexo da pandemia do COVID-19). Ainda em 2021, alterando o protocolo para as palavras “*gender*” & “*seafarers*”, entre os anos de 2001 e 2021, o resultado foi de apenas 54 documentos, sendo 38,5% nas Ciências Sociais e 17,6% nas Artes e Humanidades e 43,9% em outras áreas.

Nota-se, portanto, uma preocupação ainda embrionária com relação aos estudos de gênero na indústria marítima, o que abre possibilidades para contribuições futuras para a área.

Um longo mar por atravessar

Embora a produção acadêmica sobre a atuação de mulheres na indústria marítima seja ainda tímida, há alguns avanços importantes que devem ser mencionados. Uma das principais contribuições para esta reflexão é a de Chin (2008), que realizou um estudo sobre o trabalho a bordo. Além da precarização do trabalho em navios de cruzeiro, a autora fez uma abordagem sobre a atuação feminina a bordo, chamando a atenção para as questões que caracterizam e determinam o emprego nos navios, ou seja, nacionalidade, raça/etnia, gênero e classe.

As posições de comando como *hotel manager*, *cruise director* e *head of security* são ocupadas, em sua grande maioria, por homens norte-americanos e europeus. Mulheres da Europa Ocidental e em menor grau, da Europa Oriental, ocupam cargos na linha de frente para interagir com os passageiros, como recepcionistas, *guests relations*, *dealers* nos casinos, etc. Mulheres da América Central, América do Sul e Sudeste da Ásia são alocadas nos restaurantes e nas cabines.

Além da questão de gênero, as mulheres enfrentam o desafio da origem de suas nacionalidades, raças/etnias para se inserirem na hierarquia de um navio. Ainda é raro encontrar mulheres comandantes e quando isto ocorre o fato é anunciado como novidade, como ocorreu com Kathryn Whittaker (Crew Center, 2018), primeira comandante canadense a assumir um navio da Sea Cloud Cruises, em 2018 e com Kate McCue, primeira comandante americana a assumir um navio da Celebrity Cruises em 2015 (Hoeller, 2020). Ambas são do norte da América, o que comprova a questão da hegemonia de nacionalidades na hierarquia do alto comando nos navios.

Alguns acadêmicos já demonstram interesse pelo tema. Na Grécia, país com longa tradição marítima, um dos estudos que aborda a questão de gênero na indústria marítima é o de Theotokas & Tsalichi (2021), que apresentam pesquisa realizada com 163 homens marítimos gregos sobre suas percepções, atitudes e experiências em relação ao trabalho de mulheres a bordo. O estudo apresenta dados da Autoridade Estatística da Grécia que comprova que as mulheres representam apenas 5,1% dos empregos em navios de bandeira grega. Na divisão por nacionalidade, as mulheres gregas representam menos de 4% do total de marítimos gregos. A incompatibilidade com a maternidade e formação da família, o assédio sexual, a discriminação, o preconceito de gênero também são mencionados na pesquisa. O estudo identifica ainda que a geração mais jovem de oficiais parece estar mais confiante em aceitar a cooperação com colegas mulheres, desde que estas tenham oportunidade de provar as habilidades exigidas para atuação a bordo.

Já na Índia, um dos países que mais gera mão de obra para os cruzeiros, a primeira pesquisa sobre o emprego da mulher na indústria marítima foi realizada em 2019, pela Maritime SheEO, organização que trabalha para criar condições equitativas e ambiente propício para que mulheres cheguem às posições de liderança no setor. O resultado mostrou que a participação das mulheres nestas posições é ainda muito pequena. Com uma amostra de 205 empresas, a

pesquisa revelou que somente 20% dos cargos eram ocupados por mulheres, sendo que algumas empresas não recrutavam mulheres, demonstrando a opressão de gênero da indústria marítima na Índia. Nos cargos diretivos a representação feminina era de apenas 17% e a representação como *CEO* s de apenas 5% de mulheres.

No Brasil os estudos de gênero na indústria marítima são também embrionários. Guerise (2021) em seu artigo publicado no Dia Internacional da Mulher, alerta para a inexistência de dados estatísticos ou quando estes existem, as informações são dúbias. Já Feodrippe et al. (2019) apresentam dados que demonstram a não representatividade feminina no setor marítimo: apenas 2% de mulheres atuam como práticas licenciadas; 14% atuam como juízas na Corte Marítima Brasileira; apenas 29% dos alunos graduados na Escola de Formação de Oficiais de Marinha Mercante, entre 2001-2018, eram mulheres; na Marinha do Brasil 11% do corpo militar é composto por mulheres, sendo apenas 1,5% como almirantes.

A pesquisa realizada por Teberga de Paula & Heredia (2017), com 139 tripulantes mulheres brasileiras mostra que 65% atuavam como *crew member*, ou seja, cargos inferiores na hierarquia de um navio de cruzeiros, e apenas 4% estavam em cargos oficiais. 71% das entrevistadas mencionaram que os altos cargos em seus navios eram ocupados por homens e 84% delas nunca havia estado num navio comandado por uma mulher capitã.

Em pesquisa exploratória realizada entre os anos de 2002 e 2018, em quinze diferentes cruzeiros, notou-se apenas uma mulher na posição de *Cruise Director*. Os quatorze cruzeiros restantes tinham homens no comando do Departamento de Entretenimento (Brito, 2020).

Maré alta pela frente

O caminho a ser trilhado e conquistado pelas mulheres marítimas é ainda árduo. A situação de desvalorização da mulher profissional que atua a bordo de navios é recorrente e mundial. O preconceito de gênero, nacionalidade, raça/etnia é um dos principais problemas enfrentados hoje por tripulantes femininas no Turismo de Cruzeiros. A hegemonia masculina, o assédio sexual e as tensões sexuais advindas da presença feminina a bordo são constantes. É necessário que mais mulheres abracem as oportunidades, conquistem seu espaço de atuação a bordo, se capacitem e enfrentem os desafios do setor. Somente com a participação feminina este quadro poderá ser um dia revertido e a mulher definitivamente afirmar seu espaço na indústria marítima.

Referências:

- Brito, T. (2020). Entretenimiento en cruceros desde la perspectiva de la semiosfera. *Études caribéennes* [En ligne], 47 | Décembre 2020, mis en ligne le 15 décembre 2020, consulté le 16 mars 2021. URL : <http://journals.openedition.org/etudescaribeennes/19662>
- Chin, Christine B. N. (2008) Labour flexibilization at sea. *International Feminist Journal of Politics*, 10:1, 1-18, DOI: 10.1080/14616740701747584
- Crew Center (2018, April 12). *Kathryn Whittaker becomes the first female Canadian cruise ship captain*. Disponível em URL>: <https://crew-center.com/kathryn-whittaker-becomes-first-female-canadian-cruise-ship-captain..>
- Elsevier (2019). Solutions Scopus. Disponível em URL>: <https://www.elsevier.com/solutions/scopus>
- Guerise, L. C. (2021, March 8). *Mulheres para além do 8 de março*. Portos e Navios. Disponível em <https://www.portosenavios.com.br/artigos/artigos-de-opiniao/mulheres-para-alem-do-8-de-marco?tmpl=component&print=1&layout=default>

Hoeller, S.C. (2020, October 10). *America's first female captain of a mega cruise ship has been at sea for 310 days. She wouldn't want it any other way.* Disponível em <https://www.insider.com/luminaries-female-cruise-ship-captain-kate-mccue-2020-10>

Maritime SheEO. *Survey on gender equality in Indian maritime industry.* Disponível em: <https://maritimesheeo.com/report2019.pdf>

Maritime SheEO. *The business case for gender diversity in the Indian maritime industry.* Disponível em: <https://maritimesheeo.com/report2020.pdf>

Teberga De Paula, A. & Heredia, V. (2017). *Trabalho e desigualdade de gênero em navios de cruzeiro marítimo.* Revista da RET – Rede de estudos do Trabalho. Ano IX – número 21 – 2017. Unesp.

Theotokas, I. & Tsalichi, C. (2021). O emprego de mulheres no mar. Percepções, atitudes e experiências de homens marítimos no contexto grego. In Baptista, M. M. & Castro, F (Coord.), *Gênero e Performance: Textos Essenciais 4.* Coimbra: Grácio Editor, pp. 281-308. Disponível em URL>: <https://estudosculturais.com/gece4>